

NAZISMO VERSUS INTEGRALISMO NO SUL DO BRASIL: “ALGO EXTRAORDINÁRIO” NA AVALIAÇÃO DO III REICH

Por Ana Maria Dietrich



Resumo: Neste artigo , pretende-se discutir o encontro/ diálogo entre os movimentos integralista e nazista no Sul do País, principalmente no Estado de Santa Catarina, quando, em 1936, houve uma expressiva vitória de integrantes do integralismo nas urnas municipais. Analisaremos as visões que o III Reich tinha sobre a adesão de teuto-brasileiros às correntes do Integralismo, julgando a Ação Integralista Brasileira como onda nativista. Verificaremos que mesmo com instruções contrárias da parte da Organização do Partido Nazista no Exterior (A.O.), houve expressões de um trabalho em conjunto dos dois movimentos como propagandas que envolviam uma mistura entre as duas ideologias, jornais que acolhiam autores de ambas posições políticas e sedes que chegaram a funcionar no mesmo espaço.

Palavras-chave: Integralismo, nazismo, Brasil, tropicalização do nazismo.

Abstract: Nazism versus Integralism in south of Brazil: Something extraordinary in evaluation of III Reich. In this article, we intend to discuss the meeting / dialogue between integralism and Nazi movements in the South of the country, mainly in the state of Santa Catarina, when, in 1936, there was a significant victory for members of integralism in the municipal elections. We will analyze the views that the Third Reich about the accession of German-Brazilian currents of Integralism, judging Brazilian Integralist Action as nativist wave. Despite of contrary instructions from the Organisation of the Nazi Party Abroad (AO), there were expressions of work together of the two movements as advertisements involving a mix between the two ideologies, newspapers with authors of both political positions and offices that came to work in the same space.

Key-words: Integralism, Nazism, Brazil, tropicalization of Nazism.

A pergunta inicial do meu trabalho, que deu origem a tese de doutoramento publicada nesse ano em livro, foi: houve uma tropicalização do Nazismo, ou seja, é possível a identificação de variáveis e elementos que mostrariam que o modelo de partido estabelecido pela matriz em Berlim não foi seguido pelos seus membros e associados no Brasil? Minha principal hipótese era que a cultura e sociedade brasileiras teriam exercido forte influência no cotidiano das relações partidárias, as modificando e o partido, em contato com tal realidade, foi se flexibilizando, se anuanciando... ou seja, se tropicalizando. Rígidas normas como os princípios da A.O. – Auslandsorganisation der NSDAP (Organização do partido nazista no exterior) não teriam sido seguidas a risca, mesmo com o grande controle dos líderes do partido nazista no exterior. Tais normas – não todas, mas algumas importantes - teriam sido ignoradas pelos seus partidários nas suas ações cotidianas, no seu contato com uma cultura tão diferente como a brasileira.

Com a consulta à documentação guardada principalmente no Ministério das Relações Exteriores de Berlim, minhas hipóteses foram confirmadas. Sim, havia existido a tropicalização. Há numerosos registros de casamentos mestiços entre partidários alemães e brasileiras, algo proibido e altamente grave do ponto de vista da pureza racial pregada pelos nazistas. Do ponto de vista dos costumes, ao invés de se homenagear e honrar apenas o III Reich e seu líder máximo Adolf Hitler como era esperado, nos eventos comemorativos do Calendário nazista no Brasil, como o 1º de Maio comemorado em inúmeras cidades brasileiras pelo partido nazista, se comia canjica, se pulava fogueira no período de festividades de São João, e, se ouvia o hino brasileiro e alemão.

Porém, nada deixou uma preocupação maior aos líderes do movimento nazista internacional como a adesão dos teuto-brasileiros ao integralismo e o trabalho conjunto com a Ação Integralista Brasileira. Para nós, esse foi um dos principais efeitos da tropicalização do nazismo porque, para além das pequenas “infringências” cotidianas cujas informações mal chegavam aos ouvidos da sede do partido, o envolvimento com o integralismo significava algo extraordinário porque completamente imprevisto nos planos do Reich no Exterior, a adesão a um movimento político que tinha grandes aproximações ideológicas e utilizava de um universo semelhante de representações

simbólicas (o Sigma no lugar da suástica, as camisas verdes no lugar das camisas pardas, o “anauê” no lugar do “heil Hilter” entre outras).

Era um inimigo diferente, não o comunismo que já estavam acostumados a combater, semelhante na forma, na ordem e na militarização de suas contingentes. Substituíu a Alemanha pelo Brasil no seu culto ao Estado Nação. Além disso, utilizava de métodos de propaganda quase tão eficientes quanto os nazistas. Diante de tal cenário, os nazistas qualificaram o integralismo como uma onda de nativismo que ameaçava o Deuschtum (germanismo). Ainda havia algo mais agravante, os partidários do nazismo não poderiam se ismicuir na política local . Devido a este princípio, o partido não entrou em nenhuma campanha eleitoral do Brasil e nem entrou em competição com outros partidos brasileiros. Porém, para os teutos que integravam as fileiras integralistas, isso não foi obedecido e alguns deles disputaram o poder público local, nas eleições municipais de diversas cidades de Santa Catarina em 1936.

O conflito em questão aparece com mais intensidade nos estados do Sul do País, onde estavam concentradas as colônias alemãs fundadas desde a metade do século XIX. Na documentação consultada, não se pode avaliar se algo semelhante aconteceu em outras regiões do País.

Hierarquia entre os próprios alemães

Convém entender como isso aconteceu. Em primeiro lugar, pelo princípio da pureza racial que norteava as ações do partido nazista, só poderiam entrar no partido nazista os considerados Reichdeutscher – alemães do Reich. Os descendentes, chamados de Deutschbrasilianer (teuto-brasileiros) estavam proibidos de ingressar no grupo. Na visão da A.O., os descendentes se encontravam em um nível inferior aos alemães puros do ponto de vista racial. Mas, não havia como ignorar a força dessa comunidade, que somava 900 mil integrantes , em sua maioria, simpaticante do regime hitlerista. Em termos culturais, a comunidade de descendentes havia colaborado com a preservação do Deuschtum (germanismo).

E como ficaria caso eles quisessem se filiar em algum agrupamento político? Como dito, isso não foi pensado previamente pelas lideranças da Organização Nazista

para o Exterior. Mesmo sabendo que eles representavam em termos numéricos uma força política bastante expressiva principalmente no Sul do Brasil, somente depois de se observar o movimento de adesão ao integralismo, os líderes nazistas na Alemanha começaram a se preocupar. Frente a tal desejo de mobilização política e temente por perder tão grande força para outro partido, a A.O. intentou fundar uma grande organização que aglutinasse as forças políticas dos descendentes de alemães: a Organização dos Amigos de Hitler no Exterior.

A Federação 25 de Julho desempenhou em parte este papel, mas ainda faltava um grande caminho para se tornar uma organização dinâmica e disciplinada. Tal entidade representaria os interesses e as exigências dos teuto-brasileiros, que não precisariam, então, recorrer ao integralismo. Não convenceu. Eles se seduziram muito mais pela propaganda integralista.

Da perspectiva dos teuto-brasileiros não foi só a eficácia de tal propaganda o único motivo para o Anauê ter lhes parecido mais simpático. Muitas vezes, os descendentes consideravam os jovens nazistas como radicais e portadores de uma ideologia racial segregadora o que foi causa de insucesso do partido nazista em colônias alemãs do Sul do Brasil. Não interessava a eles desprezar sua Gastland, país de hospedagem, o caso o Brasil, onde tinham chegado, em sua maioria na Segunda Metade do Século XX, tão cheios de sonhos de um futuro melhor e vencido inúmeras batalhas de adaptação, de trabalho agrícola duro sol a sol. Era difícil ouvir as palavras dos jovens radicais nazistas, cheio de normas e regras, ainda se dizendo superiores a eles.

Portanto, o anauê que muitos teuto-brasileiros declamavam nas ruas de Blumenau, Harmonia e Rio do Sul, em Santa Catarina, é aqui considerado uma reação “tropical” ao nazismo exportado e segregado que não admitia os miscigenados em suas fileiras, um traço da tropicalização do nazismo.



As sedes da Ação Integralista e Partido Nazista, em Rio do Sul, embaixeadas...

O integralismo — com seus desfiles, marchas, uniformes e hinos, cuja forma se assemelhava às demonstrações nazistas — foi mais, pode-se dizer, “sedutor”. Além da “roupagem”, o movimento teria atraído também pelo seu conteúdo ideológico. Inconformados e estimulados a se engajar politicamente, os descendentes de alemães viram no integralismo uma alternativa viável. Segundo Natália Reis Cruz, o apoio aconteceu em via dupla, ou seja, tanto os colonos alemães apoiavam o integralismo quanto os integralistas queriam o engajamento desta população.

Alguns elementos da propaganda integralista faziam mais sentido para a população de descendentes de alemães do que o “nazismo exportado”, como costumavam se referir ao partido nazista. São eles: a valorização da ordem e do trabalho, um forte idealismo pátrio – no caso o Brasil ao invés da Alemanha. Além disso, não se viam sempre representado nas vozes de outros partidos brasileiros, que teriam mais interesses regionais. Segundo Cruz, havia diversos paralelos nos princípios do integralismo e do nazismo e ambos tinham como alvo a democracia liberal, os

comunistas e o judaísmo internacional. A mesma autora citou o envolvimento de alemães, supostamente espiões nazistas, com o integralismo.

Os estudos que exploraram as relações entre o nazismo e o integralismo divergem entre si. Uma primeira corrente acreditou no separatismo entre os dois movimentos, e a segunda, que houve uma grande colaboração. Há ainda outros estudos que, de uma maneira simplista, identificaram uma corrente com a outra, sem prestar atenção às devidas peculiaridades. Entre aqueles que defendem o colaboracionismo, podemos citar Edgard Carone, Natália Cruz e Bailey Diffie. Edgard Carone citou possíveis variáveis deste colaboracionismo, como a publicação, em Santa Catarina, do jornal integralista *Der Blumenauer Zeitung* em língua alemã, palestras no Sul do País para esclarecer o racismo germânico e financiamento do movimento integralista pelo Banco Alemão Transatlântico.

Bailey Diffie acrescentou que, em ações isoladas, alguns nazistas no Brasil agiam a favor dos integralistas. Tal foi o caso de Walter Honig, chefe do partido nazista no Rio Grande do Sul, que manteve relações com os membros do integralismo. Cruz enfatizou que, apesar das séries de evidências apontarem para uma colaboração entre as duas correntes, devem-se levar em conta as diferenças marcadas principalmente pelo caráter nacionalista de ambas. Enquanto o integralismo, como movimento nacionalista brasileiro, não concordava com o nacionalismo alemão, o nazismo não queria a assimilação da comunidade alemã no exterior:

Não se pode desconsiderar que a relação entre o nazismo e o integralismo também era marcada por desconfianças mútuas, já que o integralismo, como movimento extremamente nacionalista, temia a influência imperialista do Reich Alemão, e o nazismo não simpatizava com a idéia integralista de nacionalização das minorias étnicas no Brasil, o que incluiria a assimilação cultural dos alemães residentes no país

Stanley Hilton, assim como Arthur von Magnus, defendeu que entre nazistas e integralistas houve mais conflitos que aproximações. Para Magnus, o movimento integralista e os descendentes de alemães faziam uma oposição ao partido nazista no Brasil. Ele considerou improvável a participação nazista no golpe integralista de 1938 e acreditou que, se houve colaboração, apenas aconteceu em níveis individuais. Pensando na perspectiva econômica, Manfred Kossok afirmou que uma das diretrizes do governo

nazista na época seria conseguir a hegemonia comercial e, para isto, teria se organizado em diferentes frentes: dominar os mercados de matéria-prima, influenciar alemães e descendentes para trabalharem como quinta-colunas e colaborar com o movimento fascista local. Nesta última frente, foi citado na época pela imprensa alemã que a subida do movimento integralista ajudou o Brasil a ser retirado da “órbita americana” . Essa posição de Kossok, de nenhuma maneira concordamos, uma vez que a documentação consultada aponta para uma direção contrária, ou seja, que o Movimento nazista no exterior não desejava que os alemães – puros ou descendentes – se afiliassem ao integralismo.

Propaganda integralista: chamado aos teuto-brasileiros

Os integralistas utilizavam métodos de propaganda semelhantes aos dos nazistas. Um dos mais comuns era colocar o Sigma sobre o mapa do Brasil com intuito de dizer que o País iria ser conquistado pelo integralismo junto ao lema Deus, Pátria e Família ou Anauê. A iconografia utilizada para representar a juventude, por exemplo, fazia uso de mesmos motivos, nos quais os personagens apareciam com vestimentas militarizadas não raro apontando o dedo para o interlocutor e o chamando para o movimento.



Foi muito criativa também a forma encontrada para “chamar” os descendentes de alemães a participar do movimento integralista. “- Si tu fosses alemão, certamente serias Nacional Socialista. (...) És brasileiro, inscreve-te, portanto, nas Legiões Integralistas e vem vestir a camisa verde dos que se batem pelo bem do Brasil” — constava em um panfleto que circulou na década de 1930. Para conseguir o engajamento desta fatia da população, a citação do nacional-socialismo de Hitler era constante além do uso da língua alemã para passar suas mensagens políticas:

Se você é um alemão nacional-socialista e é agradecido à sua Pátria de origem, seu braço se levanta para Hitler que fez a Alemanha livre do caos marxista e comunista (...), então ingresse para as camisas verdes lideradas por Plínio Salgado. O integralismo é um apelo do Brasil para todos que são aqui nascidos! É um chamado da terra que te acolheu de forma hospitaleira (...) Anauê!

Os integralistas utilizavam em sua propaganda que só com o integralismo seria preservado o Deutschtum (germanismo), idéia que não tinha crédito na Alemanha.

Segundo a revista *Deuschtum im Ausland*, sempre haveria uma diferença entre os brasileiros integralistas e os “outros”, um grupo de estrangeiros, nos quais os alemães e seu *Deuschtum* não seriam valorizados. Segundo a revista, dois teuto-brasileiros haviam morrido pelo integralismo. “Nós não conhecemos a expressão “alemães de Blumenau”. Em Blumenau, existem apenas brasileiros e estrangeiros”.

As estratégias deram certos. Segundo o Renato Dotta, houve até prefeitos eleitos, como Alberto Stein em Blumenau, e mártires integralistas como Ricard Grünwaldt e Luiz Schroeder, que eram descendentes de alemães.

Pela análise das atas do Ministério das Relações Exteriores da Alemanha, percebeu-se que o governo nacional-socialista, por intermédio de suas associações no exterior, observou o crescimento e o desenvolvimento do integralismo como força política no Brasil desde 1935. Caracterizando-o pejorativamente como nativismo, era completamente contrário a que os alemães e seus descendentes se filiassem a ele. A preocupação era que este movimento iria afetar o *Deuschtum* (germanismo), com o “Heil Hitler” tropicalizado para o “anauê”. Atenção especial se dava à juventude alemã que, em parte, aderiu ao integralismo. A suposta “ameaça” do integralismo foi registrada em relatórios realizados pelo corpo diplomático alemão no Brasil e por membros do partido nazista. A Revista *Deuschtum im Ausland* (Espírito de ser Alemão no Exterior) também se ocupou desta temática.

Sob a visão do III Reich, o movimento integralista destacava principalmente a questão racial: o integralismo visaria melhorar a raça com a diminuição da porcentagem de negros e índios e o aumento dos europeus. O governo nazista caracterizava tal conceito de raça como Lusotum (lusitanidade) em contraposição ao *Deuschtum* (germanismo). Apesar de observar as tendências anti-semitas e o combate ao comunismo, vistos como aspectos positivos pelo III Reich, o que era enfatizado nos relatórios e artigos foi a ameaça ao *Deuschtum*.

A citação abaixo mostrou uma tentativa dos alemães de compreenderem o integralismo, visto como nativismo lusitano, movimento que teria como “grande pretensão” fazer do Brasil um Estado semelhante aos países do oeste europeu. Observar a maneira pejorativa que se referiram aos brasileiros colocando em dúvida a capacidade de se formar um estado nacional semelhante aos europeus:

O integralismo, que se apresenta no mundo como um nativismo lusitano, engloba o conceito de brasilidade de tal maneira, como se os brasileiros pudessem formar um estado nacional que tem como os europeus do oeste como modelo, também como um Estado que historicamente, lingüisticamente e sociologicamente tivesse formado uma unidade aproximada.

Mesmo com esta visão do III Reich de não-aceitação, não-colaboração e até menosprezo, a realidade dos círculos das colônias alemãs do Sul do Brasil era diferente. No cotidiano destes alemães e teuto-brasileiros, os discursos se misturavam e a colaboração se dava em diferentes níveis. As ordens vindas da Organização do partido nazista no Exterior, sediada na Alemanha, eram obedecidas de maneira diversa.

Trabalho em conjunto

Na condescendência entre ordens recebidas e ordens efetivamente seguidas, o modelo ortodoxo ia se distanciando dos possíveis tropicalizados. O jornal Blumenauer Zeitung, de Santa Catarina, por exemplo, chegou a ser o porta-voz dos dois grupos — integralista e nazista — ao mesmo tempo. Em outros documentos, foram verificados registros de fotos que mostravam as sedes dos dois movimentos funcionando no mesmo endereço. No livro *O Punhal Nazista no Coração do Brasil*, está publicada uma foto de uma sede localizada na cidade de Rio do Sul (SC) que abrigava, ao mesmo tempo, os dois partidos, nazista e integralista, e tinha a suástica e o sigma na fachada, simbolizando um trabalho em conjunto dos dois movimentos. Também nessa direção, em 1934, houve a presença de integralistas no aniversário de Hitler, no Instituto Nacional da Música no Rio de Janeiro.

Da parte das lideranças integralistas, as atitudes variavam entre aproximações e distanciamentos. Plínio Salgado teria feito um acordo diplomático em que não mais ofenderia os nazistas em seu discurso. Mas, em outros momentos, ele afirmou que o Brasil estava ameaçado pelas doutrinas estrangeiras. Salgado, quando estava no exílio, fez uma retrospectiva da história do integralismo e mandou publicar um “manifesto diretiva” em 9 de setembro de 1945, enfatizando o perigo que significou o movimento político dos camisas- cáquis-nazis (nazistas) do qual os camisas-verdes (integralistas)

teriam protegido o Brasil . Cumpre-se notar que esta fala datou do pós-guerra, quando, supostamente, toda a associação de nazistas deveria ser repudiada pelos integralistas.

Gustavo Barroso, a figura número dois do partido integralista, era considerado um grande simpatizante do nazismo. Costumava citar sua descendência alemã, sendo que parte de sua família tinha o sobrenome Dodt. Barroso teria tido, também, receptividade para seus artigos no jornal alemão *Der Stürmer*, um dos principais veículos da propaganda nazista publicado por Julius Streicher. Mesmo com alguns artigos que elogiavam Barroso e outros que demonstravam uma simpatia pelo “fascismo à brasileira”, o integralismo foi lembrado pelo jornal no período de seu início (1934-1935) e “esquecido” no momento de sua maior expansão (1935-1938). O mesmo líder integralista tentou, em diversos momentos, a aproximação com o Instituto Ibero-Americano de Berlim, chegando a enviar livros anti-semitas de sua autoria para serem resenhados pela revista do Instituto, fato que nunca aconteceu. Ele também foi convidado junto a outras autoridades brasileiras para visitar a Alemanha e melhorar as relações entre os dois países. Barroso permaneceu na Alemanha durante cinco semanas em 1940. Segundo René Gertz, as opções simpáticas de Gustavo Barroso ao nazismo são evidentes:

Entre as lideranças integralistas Gustavo Barroso sempre foi considerado o mais germanófilo e pró-nazista, sobretudo em função de seu ferrenho anti-semitismo. E não há dúvida de que Barroso em diversas oportunidades tentou aproximar-se do nazismo e do Instituto Ibero-Americano.

Ainda, tanto Salgado quanto Gustavo Barroso, a fim de conquistar a numerosa colônia teuto-brasileira, fizeram questão de relembrar as raízes germânicas de seus descendentes . Salgado, por intermédio de um enviado, teria feito, em 1935, um contato para pedir apoio financeiro e moral para a luta contra o comunismo. No ano de 1936, o secretário de estudos da AIB de Pindamonhangaba teria pedido dinheiro a Embaixada Alemã para uma viagem cujo propósito seria levar o integralismo para uma linha alemã. Mas a tentativa foi frustrada.

Todo este movimento não mudou a idéia do III Reich sobre o integralismo, que era apontado como perigoso e, ainda mais, como algo fora da normalidade. Em ofício da A.O. para o DAI (Deutsches Ausland-Institut – Instituto alemão do exterior) foi

colocado o seguinte problema: “A questão do integralismo coloca nosso trabalho alemão no Brasil diante de problemas extraordinários” (grifos meus). A nosso ver, esta mistura ideológica que, contra toda a vontade e orientação do III Reich, aconteceu no Brasil, é tida como o principal ponto da tropicalização do nazismo e da resistência à tropicalização proferida pelas lideranças nazistas. Os tais “problemas extraordinários” não estavam previstos nas diversas regras e diretrizes propostas pela A.O. aos grupos dos partidos nazistas no exterior. Os “camisas-verdes” e seu grito de anauê, vistos pejorativamente como uma mera imitação do nazismo, causaram sérias preocupações aos alemães nazistas. O problema se agravou com o golpe integralista e a suspeita de que alguns alemães nazistas teriam participado. Isto poderia acabar se tornando um ruído diplomático entre os dois países, que naquele momento, se viam em um namoro comercial muito intenso.

Participar do movimento integralista infringia diretamente um dos princípios do nacional-socialismo no exterior. Como solidariedade à Gastland (terra de hospedagem), era vedada aos partidários a participação na política local. Os nazistas deveriam se manter neutros com relação à política interna e não poderiam divulgar suas idéias a estrangeiros.

Além desta “infração” às regras do movimento, pesava também a questão racial. Temia-se que se os alemães aderissem aos ensinamentos integralistas, acontecesse a miscigenação e a raça ariana desaparecesse em duas ou três gerações. Outra causa de preocupação foi o conceito de raça dos integralistas. Segundo a revista, os integralistas visariam criar o Lusotum (espírito de ser luso) e, para isto, utilizariam da mistura de raça com os europeus brancos para diminuir a porcentagem de negros e índios da população brasileira. O resultado seria então uma “melhora da raça lusitana, na qual, porém, não se deseja ver provavelmente sangue negro e indígena”.

A força política do movimento no Sul do Brasil, pela concentração do maior número de teutos e de alemães, também foi enfatizada pela revista *Deutschtum im Ausland*. Nas eleições municipais de 1936 teria havido uma vitória maciça dos integralistas nas prefeituras do Sul, principalmente no Rio Grande do Sul e Santa Catarina (Blumenau, Joinville, Rio do Sul, Jaraguá, Harmonia e São Bento). O resultado não seria possível sem a adesão dos teutos que votaram e apoiaram os integralistas. A

força desta vitória foi vista como uma das maiores dificuldades para se opor politicamente a tal movimento.

Nas eleições municipais, 850 mil eleitores de todo o Brasil tinham optado a favor do integralismo. Nos estados do Sul, se concentrou a maior parte de votantes, com 560 mil e, em Santa Catarina, vieram 125 mil votos para o integralismo. O avanço dos integralistas em regiões de intensa colonização alemã foi vista com reserva pela revista *Deutschtum im Ausland*, que detalhou cada cidade em que o partido havia conseguido vitória nas urnas.

Efetivamente uma grande porcentagem do *Deutschtum* (germanismo) de Santa Catarina marcha nas fileiras integralistas. Do Rio Grande do Sul vem também das antigas regiões de colonização alemã próximas a São Leopoldo, Nova Hamburgo e Santa Cruz como também das mais novas regiões de colonização no nordeste e leste do estado, em que se nota uma forte apresentação do integralismo.

Alguns teuto-brasileiros chegaram a morrer como mártires da Ação Integralista Brasileira. José Luiz Schroeder, morto em conflito de rua em São Sebastião do Caí (RS) com a polícia em 24 de fevereiro de 1935 e Ricardo Grünwaldt, morto em Jaraguá (SC), em 7 de outubro de 1936, eram os mais lembrados pelos próprios integralistas. Germano Sacht morreu no mesmo dia e local que Ricardo.

Vários relatos reportam a esta espécie de “racismo tropical” difundido entre a comunidade alemã no Brasil. Alguns destes alemães que mantinham este pensamento racista proclamavam-se integralistas. É o caso do alemão Hans Walter Taggesell, citado como integralista destacado e Comandante da Milícia Integralista, que escreveu em carta para o seu pai na Alemanha, datada de 1929:

Quando me casar, se alguma vez o fiser (sic), procurarei mulher que ajude um pouco o marido e não uma que saiba apenas vestir-se bem para agradar outro homem... Em caso algum, porém com brasileira. Meus filhos deverão ter sangue limpo e não virem ao mundo sífilíticos.

Em outro momento, em 1931, Taggesell escreveu outra carta carregada de preconceitos contra o povo brasileiro: “No que se refere à preguiça e comodismo, o brasileiro certamente não é superado por nenhum povo no mundo”. Em 1932, em outra

correspondência particular, Taggesell voltou a fazer comentários pejorativos sobre o Brasil, chamando-o de “terra de macacos”. Afirmou também que: “Aqui só há dois partidos: um que está no governo e que rouba desenfreadamente e outro que desejaria governar para também roubar. É um verdadeiro teatro de macacos (...)”.

Uma reportagem no jornal inglês Times, de 3 de setembro de 1937, detonou uma série de publicações em jornais brasileiros sobre as influências nazistas no Brasil. Como repercussão, o jornal O Globo, do Rio de Janeiro, publicou reportagens sobre o movimento nazista no Sul do Brasil e fez várias referências ao integralismo e à “mistura ideológica” entre as duas correntes. Ao citar as semelhanças entre as duas correntes, o jornal fez uma distinção entre dois “tipos” de integralistas. Os primeiros foram considerados nacionalistas e engajados no bem-estar do Brasil. Os segundos transgrediriam estas normas, acentuando-se mais o lado germanizado.

Segundo o jornal, da parte dos nazistas também havia certa confusão, uma vez que alguns líderes, como o caso do chefe da cidade de Taió (SC), identificado com Friss, que compareceu a um ato público em Rio Sul (SC) ostentando no braço a insígnia do sigma ao lado da suástica. A explicação para tal mistura foi que a população teuta condenava o “nazismo de exportação” dos nazistas tradicionais e se identificavam mais com o integralismo, pelo seu discurso que, segundo o jornal, era anti-semita, anticomunista e antiliberal.

O Globo e o integralismo

Sem deixar de expressar a sua opinião contra o integralismo, O Globo publicou também uma série de artigos sobre o governo integralista nas prefeituras, enfatizando principalmente a má gestão. Eles foram acusados de maus administradores. Em reportagem de outubro de 1937, o jornal abriu com a manchete: “Não prometemos nada”. A frase foi atribuída para a “gente integralista”, sem especificar quem a tinha falado. No corpo da matéria, a opinião foi explícita contra os integralistas: “Blumenau não teve o prazer de receber nenhum resultado verdadeiramente apreciável da propalada ação renovadora e progressista do sigma”.



O jornal referiu-se, por exemplo, às obras da Estrada de Ferro Santa Catarina. Como haviam sido contratados muitos trabalhadores nesta obra que eram não-integralistas, os camisas-verdes, representados pelo jornal “Alvorada”, teriam reclamado por se considerarem no direito de obter a vaga de emprego pela sua opção ideológica.

Com as notícias de vitórias políticas do integralismo, o III Reich costumava chamar o País de “Brasil integralista”, dada a força com que o movimento se expandiu nos anos 1930. Um ano depois, em 1938, com a tentativa de golpe integralista, a visão dos nazistas sobre esse movimento mudou de perspectiva: eles passaram a ser vistos como desarticulados e incapazes de chegarem ao poder. A preocupação mudou de foco: houve uma suspeita de que partidários do nazismo no Brasil, entre eles seu líder máximo, Hans Henning von Cossel, teriam participado do golpe integralista. Algumas prisões foram efetuadas, mas nada ficou provado. Em entrevista ao jornal O Radical, Cossel se isentou da culpa com relação ao golpe de 11 de maio.

A atenção do governo nazista sobre a ameaça de golpe integralista não foi tão expressiva, pois outro acontecimento tinha abalado as relações entre a Alemanha e o Brasil naqueles meses: a proibição do partido nazista local pelo governo brasileiro em abril do mesmo ano. Tal acontecimento gerou uma série de ruídos diplomáticos e o integralismo e sua ameaça ao Deutschtum foram colocados em segundo plano.

Podemos concluir que não houve, em nenhum momento, uma política oficial de colaboracionismo entre os dois partidos, integralista e nazista. Na visão do III Reich, o integralismo era um movimento local de caráter nativista que deveria ser ignorado pelos

alemães e teutos residentes no Brasil. A tal “mistura ideológica” deveria ser evitada. Preocupou, porém, ao governo nazista, a adesão de alemães e descendentes ao movimento integralista no Sul do Brasil, porque eles estariam infringindo a regra da A.O. de não-intervenção na política local.

Um segundo motivo para tal desejo de separação entre os dois movimentos políticos era a visão de raça dos integralistas que previa a miscigenação com os brancos europeus. Segundo a historiadora Marcia Carneiro, as ideias do integralismo se baseavam em uma nação harmonizada pela direção de uma autoridade mítica de governantes inquestionáveis, na estabilidade de uma hierarquia consolidada pelos distanciamentos entre as escalas do poder que submeteria o povo uniformizado pela mestiçagem, sob a hegemonia portuguesa, branca e católica. Enquanto para os nazistas, o ideal de raça era da raça ariana. Assim, embora semelhantes do ponto de vista eugênico, eram diferentes em termos de conteúdo.